

ESTUDO COMPARATIVO SOBRE AS ESCOLHAS LEXICAIS NO PORTUGUÊS MOÇAMBICANO E BRASILEIRO: O CASO DOS VERBOS E SUBSTANTIVOS COMUNS

Ivonete da Silva Santos *

Alexandre António Timbane **

Resumo: O léxico de uma língua é reflexo dos traços e marcas socioculturais do povo que a utiliza. O presente trabalho analisa as diferenças das escolhas lexicais no Português Brasileiro e no Português moçambicano. A pesquisa definiu os conceitos de léxico, explicou a influência da cultura nas escolhas e demonstrou os aspectos culturais e linguísticos que condicionam as variações linguísticas. O aporte teórico que sustentou a pesquisa baseia-se nos estudos de Bagno (2014), de Perini (2004), de Hall (2011), de Saussure (1995). Para a obtenção de dados distribuiu-se um questionário (via facebook) para vários inquiridos nos dois países. O questionário abordava as escolhas lexicais de verbos e substantivos. Da pesquisa se concluiu que as escolhas lexicais são condicionadas pela formação cultural e linguística do ser falante de uma determinada comunidade, pois o sistema linguístico permite a união e a intercompreensão entre falantes da lusofonia, mas existem características linguísticas específicas que não podem ser transferidas para outra variedade, porque a língua é cultura e o léxico só é compreendido semanticamente dentro do espaço geográfico onde ocorre.

Palavras-chave: Léxico. Lusofonia. Português. Variação.

Abstract : *COMPARATIVE STUDY ON LEXICAL CHOICES IN MOZAMBICAIN AND BRESILIEN PORTUGUESE: THE CASE OF COMMON NOUNS AND VERBS. The lexicon of a language bears traits and socio-cultural brands of the people who use it. This paper analyzes the differences in lexical choices in Brazilian Portuguese and Mozambican Portuguese. The survey defined the lexicon of concepts, explained the influence of culture on the choices and demonstrated the cultural and linguistic aspects that affect the linguistic variations. The theoretical framework that supported the research base up in studies of Bagno (2014), Perini (2004), Hall (2011), de Saussure (1995). For data distributed a questionnaire (via Facebook) for a number of respondents in both countries. The questionnaire addressed the lexical choices of verbs and nouns. The research concluded that the lexical choices are conditioned by cultural and language training of the speaking of a particular community; It is the language system allows union and mutual intelligibility between speakers of Portuguese-speaking world, but there are specific linguistic features that can not be transferred to another variety, because the language is culture and the lexicon is only understood semantically within the geographical area where it occurs.*

Keywords: *Lexicon. Lusophone. Portuguese. Variation.*

* Mestranda em Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, nete.silva.santos@hotmail.com.

** Doutor em Linguística e Língua Portuguesa, Pós-Doutor em Estudos Ortográficos e Pós-Doutor em Linguística Forense, Professor e Pesquisador Visitante Estrangeiro na Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, alextimbana@gmail.com.

A Língua Portuguesa (LP) que se fala e/ou se escreve nos países da lusofonia é de origem latina e sofreu profundas transformações ao longo dos tempos em diferentes lugares geográficos. Contudo, Não é científico afirmar que na lusofonia há uma unicidade na LP. Entende-se que existem variedades e variantes dentro do português (padrão e não-padrão), resultados de contextos sociolinguísticos. Isso se explica pela influência dos contextos culturais, multilinguismo, pela dinâmica da vida dos falantes que se mistura aos aspectos políticos, econômicos, culturais e tecnológicos sem se desprezar as tradições socioculturais a que as populações estão sujeitas.

A colonização e a evangelização foram fatores que provocaram o deslocamento geográfico da língua portuguesa que antigamente se localizava na península Ibérica e se espalhou pelo mundo a fora. O impacto que o português teve na África, na Ásia e na América do Sul surtiu efeitos contrários diante das previsões da metrópole, isto é, o destino tomou proporções incontroláveis de tal forma que até nos dias de hoje alguns conservadores ainda não concordam com a existência do Português Brasileiro (PB), do Português Angola (PA), do Português Moçambicano (PM), Português Europeu (PE) e por aí em diante.

Os portugueses chegaram ao Brasil por volta de 1500 e iniciaram a difusão com ajuda da “língua” que exercia a função de intérprete e tradutor, além de promover a intercomunicação entre portugueses e a população indígena (DIAS, 2001). Os jesuítas chegaram ao Brasil e aprenderam as línguas indígenas para fins de evangelização, desempenhando também a função de intérprete e tradutor. O contato entre índios e portugueses possibilitou o casamento entre os mesmos, esta união resultou no surgimento do caboclo.

Vários estudos mostram que os caboclos eram, na verdade, os principais inventores do PB que sempre se distanciou, linguística, geográfica e culturalmente do PE, mas também de outros países da lusofonia. Segundo Dias (2001) afirma que só em 1757 é que Marquês de Pombal (diplomata e primeiro ministro português no Brasil) reivindica a legitimidade da LP no Brasil expulsando os jesuítas e estabelecendo a obrigatoriedade do português no país, incluindo-o na igreja.

Em Moçambique, o português chegou com a colonização e a evangelização, mas não tomou o mesmo rumo como no Brasil. Em Moçambique não houve proibição do uso das línguas africanas e as pessoas continuaram isoladas na área rural o que não permitiu a expansão do português. Em Moçambique e no Brasil não houve crioulos porque a) a proporção entre a população africana, indígena e portuguesa proporcionou acesso à língua-alvo; b) ausência de vida social e familiar entre populações de escravos, provocada pelas condições sub-humanas de sua exploração; c) o uso de línguas francas africanas como língua de interação entre escravos segregados e foragidos; d) incentivo à proficiência em português; e) maior integração social dos escravos urbanos, domésticos e das zonas mineradoras e f) a miscigenação racial (LUCCHESI, BAXTER, RIBEIRO, 2008).

Existem, no entanto, traços linguísticos sólidos que unem os lusófonos, esses aspectos estão intimamente ligados ao sistema, pois a norma e a fala vão se diferenciar através de variáveis sociais. Desta forma, é interessante compreender como a LP é falada/escrita em Moçambique e no Brasil, de modo que se compreenda as diferenças que nos unem e fazem com que todos possamos nos entender apesar das diferenças fonológicas, lexicais e semânticas. Sendo assim, o problema de partida é: sabendo que a cultura influencia nos usos linguísticos, haveria alguma influência cultural e social na escolha de itens lexicais na língua falada e escrita? O que se pode justificar através da hipótese inicial que se traduz na ideia de que a escolha do léxico depende da formação do indivíduo, sendo esta escolha aleatória e inconsciente que depende das ligações que a língua tem com a cultura do local de atuação.

Portanto, o presente trabalho visa, de modo geral, analisar as diferenças das escolhas lexicais (verbos/substantivos comuns) no PB e no PM. Especificamente, a pesquisa visa definir os conceitos de léxico de modo associativo as diferenças entre o acervo lexical brasileiro e moçambicano; explicar a influência da cultura brasileira nas escolhas lexicais que fazem os falantes brasileiros, confrontando-as com as preferências lexicais dos falantes do PM; demonstrar os aspectos culturais e linguísticos que condicionam as variações linguísticas nos dois países.

O artigo se divide em cinco seções: na primeira seção definiu-se o conceito de língua e a sua importância na comunicação. Seguidamente, promoveu-se um debate

sobre a questão: no Brasil se fala português ou brasileiro. Na terceira parte demonstrou-se, através de exemplos, como a criação lexical no PB se manifesta no cotidiano dos falantes para depois mostrar algumas particularidades do PM antes da apresentação da metodologia e das análises. O artigo termina com apresentação das conclusões e das referências. O aporte teórico que sustenta este trabalho está sustentado nos estudos de Bagno (2014), Perini (2004), Hall (2011), Saussure (1995) entre outros que pertinentemente contribuíram para a discussão proposta para esta pesquisa.

O que é língua e para que serve

Iniciemos a nossa reflexão expondo os principais conceitos dicotômicos de Saussure (1995) sobre *langue* e *parole* quando expõe que a *langue* seria o conjunto de signos abstrato e formal que serve de meio de compreensão entre os membros de uma mesma comunidade linguística. A língua se configura como parte essencial da linguagem que existe como um produto social depositado na memória coletiva e que é herdada culturalmente dentro de um processo inteiramente coercitivo.

Já a *parole* se configura como a realização de signos linguísticos que se apresentam de modo linear a partir do modelo disponível realizado individualmente, ou seja, é o uso que cada membro de uma comunidade linguística faz da língua disponível para fins comunicativos. Por outro lado, a *parole* é um produto inteiramente individual que se caracteriza como produto heterogêneo, variável e momentâneo. Uma vez que a *langue* está no âmbito abstrato ela só se materializa através da *parole*. Cada falante usa um estilo próprio que varia segundo circunstâncias, lugares etc.

A língua é um dos instrumentos de comunicação, do qual se valem os membros de uma mesma comunidade a fim de promoverem a interação social. É um conjunto de signos herdados culturalmente que só podem ser aprendidos coletivamente e estão a serviço de todos e para todos os membros da comunidade linguística. Isso quer dizer que o sistema de signos que constitui a língua e suas possibilidades combinatórias existe de modo coercitivo e é disponibilizado para/na memória coletiva.

Este fenômeno linguístico tem sido estudado dentro de uma perspectiva multifacetada, no sentido de que pode ser aprendida como língua materna, ou

estrangeira. A língua materna é a que muito interessa este estudo, já que é ela a que surge naturalmente no meio social de uma dada comunidade, sendo aprendida pela criança logo nos primeiros anos de vida. A língua materna é o veículo usado pela instituição familiar para a transmissão de valores, sentimentos, crenças e culturas comuns ao grupo social de origem que intuitivamente buscam a interação social.

O modo como o ator social pensa, entende e interpreta o mundo é resultado da experiência e da relação afetiva que mantém com a língua materna, sendo ela o veículo principal, pelo qual ele estabelece uma relação comunicativa e interpretativa de si e do grupo linguístico do qual faz parte. É por meio da língua que o falante conhece e aprende tudo que o rodeia. Diante disso, é perceptível que a língua é um bem imaterial e abstrato que funciona para os membros de uma determinada comunidade como fator determinante na construção da identidade individual e grupal. A mesma, intuitivamente, os identifica e os localiza dentro do grupo de pertença.

Segundo Fiorin (2013), a aprendizagem do homem em relação às línguas parte de uma programação, já que este pode aprender qualquer língua desde que não sofra de nenhum mal psíquico e neurológico que o impeça. Por isso, a língua é constituída pela linguagem que por sua vez só existe por causa da língua, sendo que a linguagem verbal “deve ser aprendida sob a forma de uma língua, a fim de se manifestar por meio de atos de fala” (FIORIN, 2013, p. 14).

A língua como veículo comunicacional é fundamental para o desenvolvimento do homem como ator social, vez que a comunicação pressupõe interação recíproca e esta não se realiza separada da língua e da linguagem usadas pelos membros da comunidade. Perini (2004, p.52), afirma que

cada língua é um retrato do mundo, tomando de um ponto de vista diferente, e que revela algo não tanto sobre o próprio mundo, mas sobre a mente do ser humano. Cada língua ilustra uma das infinitas maneiras que o homem pode encontrar de entender a realidade.

Portanto, a utilidade da língua se encontra basicamente no conceito de que ela é veículo condutor de cultura, transmitindo-a de geração em geração por meio de seus usuários. É na verdade, a responsável por traduzir as impressões dos falantes sobre o mundo, a vida e tudo que lhes pareçam pertinentes à sua existência. Desta forma, a relação amalgamada entre indivíduos e meio se dá pura e simplesmente por causa da

língua, de modo que aqueles não se entendem e nem entendem o meio se não for através da língua.

Terminamos esta parte sublinhando que não existe uma língua sem gramática. Todas as línguas apresentam uma estrutura própria que as diferenciam umas das outras. Cabe a comunidade moldar a sua língua tendo em conta os contextos locais. Nenhuma língua é superior ou inferior a outra, nenhuma variedade é melhor que a outra. A política linguística tem criado essa distinção que provoca problemas e culminam no desaparecimento das línguas. Muitas línguas indígenas brasileiras desapareceram justamente porque a política privilegiou apenas uma, a LP, como se o português desse conta das realidades socioculturais dos povos indígenas. É de louvar a atitude da população de São Gabriel da Cachoeira em Amazonas pelo fato de ter cooficializado três línguas de origem indígena, nomeadamente tukano, baniwa e neenguetu, atitude positiva que ainda não tomada pelos moçambicanos.

No caso de Moçambique é a política linguística que dá o estatuto de língua oficial ao português deixando de fora as mais de vinte línguas do grupo bantu faladas pela maioria da população moçambicana, por exemplo. Segundo Timbane (2013), o número de falantes do português como língua materna em Moçambique tendeu a aumentar de 1,2% em 1980 para 6,5% em 1997 e para 10,7% em 2007, ano do último Recenseamento populacional naquele país.

Falamos português, brasileiros ou moçambicanos?

A LP se disseminou mundo a fora com a expansão marítima comandada por portugueses. Diante deste fato percebe-se a importância dos portugueses para a existência do português como língua oficial e nacional, hoje, em territórios lusófonos como é o caso do Brasil e de Moçambique. No séc. XV, o Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral, numa de suas expedições em busca de território para agregar a Lusitânia. Descobrimento este que resultou na imposição cultural e linguística a partir da instalação oficial dos portugueses em terras brasileiras. Isso significou anos de luta entre nativos e portugueses, simbolizando a resistência cultural e linguística daqueles para com estes, tendo em conta, que o Brasil já era ocupado por povos indígenas. Tal

situação implicou a implantação da LP como oficial em todo o país, o que se configurou na desvalorização oficial das línguas autóctones existentes no território. Este acontecimento acabou por extinguir várias línguas nativas que eram num total de 300, no séc. XVI e hoje existem cerca de 160 em todo território nacional (DIETRICH, NOLL, 2010).

Mas, como nem tudo é tão perfeito quanto parece, o português foi-se transformando com o tempo. Mudança tal que favoreceu ao Brasil a existência de uma língua de raízes europeia, mas com traços e cor local, dotada de especificidades marcantes em cada região do país. Portanto,

uma concepção que vê a língua como enunciação, discurso, não apenas como comunicação, que, portanto, inclui as relações da língua com aqueles que a utilizam, com o contexto em que é utilizada, com as condições sociais e histórica de sua utilização (SOARES, 1998, p. 59).

Acordando com a concepção de Soares expressa acima, importa dizer que a LP no Brasil sofreu mudanças, e sofre até hoje, que se alicerçam nas bases históricas e, a exportação além-mar, nas condições geográficas que mapeiam todo o país. Esses fatores são elementos fortes que encontraram no contexto cultural e linguístico pilares para transformá-la ao que encontramos hoje como língua portuguesa no Brasil.

Diante da necessidade de readaptação do sistema linguístico a cada meio de atuação é perceptível que as línguas evoluem, apesar da oposição, dos esforços e da cara fechada dos gramáticos. “Não se trata de um **perigo**, mas de um processo tão natural quanto o crescimento das crianças, a rotação da Terra, o ciclo de vida e morte dos seres vivos” (PERINI, 2004, p. 24, grifo do autor), essa reflexão é substancialmente aceitável porque a língua como sistema sobrevive para/no meio social, por isso a comparação que Perini faz ao afirmar que a língua funciona como a evolução natural de um bebê dentro de um processo que engendra toda a sua movimentação é importante nessa discussão. Dentro deste contexto, o que importa é a definição da valorização da LP no Brasil, uma variedade geográfica que se distanciou da variedade europeia, já que não falar o PE expressa uma realidade que sempre resultou em preconceito linguístico.

A ideia de norma-padrão europeia sempre fez surgir interpretações errôneas e descabidas que buscavam massacrar o diferente. Isso diz respeito ao preconceito que ao longo dos séculos se firmou na memória coletiva brasileira e portuguesa, e não só, o que

atribui as diversidades de um sistema de valores linguísticos socialmente motivados. Mas, a língua não é estática e parada no tempo enquanto meio ativo da comunicação até porque “as línguas evoluem”, quer queiram os seus falantes ou não (PERINI, 2004).

Contudo,

junto com a variação, o contato linguístico é outro fator social importantíssimo para a implementação das mudanças linguísticas. Os fatores sociocognitivos que permitem a dedução de tendências universais nas mudanças das línguas atuam em toda e qualquer comunidade, já que se vinculam ao processamento da linguagem no cérebro dos falantes e à construção conjunta da língua (BAGNO, 2014, p. 87).

Neste caso, a importância do contato linguístico no processo decisório para as mudanças das línguas, vale dizer que este elemento não só é importante como é fundamentalmente necessário para as transformações do sistema, no sentido em que este depende de coordenadas específicas que o sustenta no contexto em que atua e é crucial para a evolução humana.

Portanto, o distanciamento entre as variedades da LP falada no Brasil da falada em Moçambique não quer dizer que houve separação total ou que ainda são iguais, mas apesar de tudo o que restou de aparente familiaridade são as raízes que as duas possuem na árvore genealógica que as formou. Isso significa que as manifestações que deram origem a LP se encontram nas bases de formação do latim, e este evoluiu até a formação do português, então é justo falar em variedades de uma mesma língua.

Por outro lado, o português chegou a Moçambique no séc. XV com a colonização. Mas a sua implantação efetiva só foi possível em 1975, ano da independência. O português passou a ser língua oficial, deixando de lado as vinte Línguas bantu (LB) faladas pela maioria da população. O PM nunca foi falado tal como se fala em Portugal, o que significa que sempre criou identidade própria criando moçambicanismos de todo tipo: lexicais, semânticos, sintáticos, etc. Esses aspectos são resultados de contextos culturais que interferem na língua respondendo assim, as necessidades da comunidade. Os neologismos lexicais muitas vezes vêm preencher lacunas inexistentes no PE uma vez que a cultura europeia é diferente da africana.

Não esperemos que se fale português da mesma forma em todos os países lusófonos, pois cada país tem as suas especificidades. Jamais um cabo-verdiano falará

da mesma forma que um são tomense e assim por diante. Por quê? Porque língua é cultura e “são contornos culturais do (e no) léxico e, sobremaneira, realizações da língua delimitando saberes e práticas culturais por elas nomeadas” (PAULA, 2015, p.135). Paula (2015, p.135), acrescenta que “o conjunto das práticas e seus contornos que concedem a alguém a pertença a um grupo, crença ou saber e que faz distinguir de outra pertença é, de modo geral, conhecido como cultura”. É essa cultura que comanda a variação e as mudanças linguísticas.

O importante a reter aqui é que uma variedade não é língua. Portanto, o PB, o PM ou até PE fazem parte do que é chamado de LP como sistema. O sistema é amplo e fixo e é ele que permite que um angolano se entenda com um brasileiro e assim sucessivamente. O sistema é comum, mas o léxico, a fonologia, a gramática e a semântica podem variar influenciados pelos contextos socioculturais.

Para que uma variedade passe a ser língua deverá acontecer um conjunto de mudanças muito profundas e ao mesmo tempo ser reconhecido pelos linguistas e oficializado pela política linguística. As variedades e mudanças podem ser fases que nos encaminham para um distanciamento mais profundo. Mas esse estágio leva o seu tempo. Portanto, o brasilês, o moçambicanês, o angolanês e por aí em diante, não existem no momento atual como línguas isoladas do português. Estão no âmbito de variedades da LP. Apenas se pode falar de variedades onde dentro das variedades se pode identificar variantes.

Na lusofonia partilhamos a LP, como sistema, na concepção de Coseriu, da qual se identifica várias normas (variedades) que se manifestam através da fala que é o modo como cada indivíduo faz o uso da norma e do sistema disponível. Esse uso está inerente à cultura. Por isso, ao estudar o léxico de uma língua, por exemplo, “requer o entendimento das estruturas sociais e culturais que nele se manifestam, sem, contudo, desconsiderar os elementos linguísticos que compõem um dado texto” (DUARTE XAVIER, 2015, p.145). Timbane e Chambal-Nhampoca (2016) reforçam a ideia da importância de reconhecer a cultura de um povo mostrando a relevância dos termos como parte integrante dos aspectos culturais. Em algum momento, segundo os autores, percebe-se que os termos usados num determinado campo do saber constituem cultura específica naquele campo, daquele grupo.

A criação lexical no português brasileiro e moçambicano

O léxico funciona como “um amplo repertório de palavras de uma língua, ou conjunto de itens à disposição dos falantes para atender as necessidades de comunicação” (ANTUNES, 2012, p. 27). Na verdade o sistema linguístico permite aos falantes de uma determinada comunidade linguística várias possibilidades abstratas de expressões, tal afirmação está de acordo com a definição de Antunes expressa acima porque sendo o léxico um conjunto de palavras à disposição de seus usuários se realiza de acordo com as necessidades voluntárias e intrínsecas da comunicação. Por isso, a formação lexical de uma dada língua é importante para evidenciar quais palavras fazem parte do repertório que a compõem e qual a validade dessas palavras na comunicação entre falantes em uso da língua comum a comunidade de pertença.

O léxico funciona exatamente como mero registrador de conhecimentos acerca do universo, o que implica na existência, muitas vezes, de várias palavras diferentes das existentes ou da transformação das já existentes. Entretanto, quando se fala em palavras específicas que caracterizam um determinado grupo linguístico se refere ao conjunto de possibilidades de expressões dadas pelo sistema, local onde os falantes selecionam as criações que lhes parece útil para o entendimento comunicacional.

Portanto, a LP no Brasil e em Moçambique é constantemente renovada devido as coordenadas que a evolve dentro dos contextos em que estão inseridos os seus falantes. A língua é fortemente influenciada por movimentos relacionais entre diferentes culturas e situações sociais diversas que a tornou colorida aos moldes da cor local. Com isso, o surgimento de vocábulos, palavras e expressões novas ou adaptadas para fins comunicacional possibilitaram a composição de um conjunto lexical próprio e não puro devido o contato entre o léxico de outras línguas: africanas, nativas e europeias. No entanto, o que se deve ter em mente quanto ao estudo do léxico do PB é a multimistura das palavras de fora do contexto original encontradas no Brasil em 1500. Ou seja, o léxico que já existia no país, quando da chegada dos portugueses, sofreu forte influência de extinção o que se resolveu nas transferências de algumas das palavras para a língua recém-chegada, o português. Este foi o primeiro passo, as línguas indígenas se

adaptaram obrigatoriamente aos comandos do novo sistema linguístico, ou melhor, a nova língua é que se adaptou aos moldes das línguas autóctones que se entrelaçaram com as outras trazidas da África.

É por conta da diversidade dos sistemas linguísticos coexistidos no Brasil que resultou na LP hoje falada no país. O processo de formação lexical brasileiro se deu por empréstimos, neologismos, influências e transferências vindos das línguas africanas (quimbundo, quicongo, etc.), de línguas americanas (línguas da família tupi-guarani), línguas asiáticas (japonês, árabe, mandarim, etc.) e europeias (espanhol, italiano, alemão, etc.).

Segundo Antunes (2012, p. 47), “as palavras têm a cor, o gosto da terra em que circulam, da casa em que habitam”, ou seja, são as palavras a tradução do contexto social e cultural de uma determinada comunidade linguística por isso a autora fala de cor e gosto revelados pelas e através das palavras. A diversidade de palavras que compõem o léxico brasileiro é reflexo da naturalização do léxico trazido aqui por outros grupos, o que se configura como processo de formação. A LP transplantada ao Brasil possuía um repertório próprio da origem dos seus transplantadores, era a cor e o gosto da terra de origem deles, mas ao entrar em contato com o léxico de sistemas linguísticos africanos: quimbundo, banto etc. e sistemas linguísticos indígenas, tupi entre outros, por um longo período, sofreu naturalmente uma reorganização lexical a caráter da ambiência brasileira.

A LP falada no Brasil não é uma língua nativa, mas é hoje a face característica da cor brasileira que possui dentro do seu sistema linguístico uma série de palavras que constituem o conjunto lexical responsável por traduzir as impressões de mundo que tem os brasileiros. Resultado este a que se pode chamar de diversidade lexical mista por conter ainda hoje resquícios lexicais de outras línguas que propiciam a continuação da ampliação lexical brasileira.

O mesmo se pode dizer da variedade moçambicana que importou diversas unidades lexicais das LB como o xichangana, swahili, etc. para a LP. Para além destas, o PM emprestou léxico do inglês, do africânder, do árabe, do híndi e outras línguas asiáticas faladas por comerciantes e colonizadores estrangeiros. O conjunto lexical de que temos falado ao logo deste trabalho não é puro e acabado, mas está constantemente

se renovando a fim de suprir as necessidades evolutivas dos seus falantes e é por isso que se observam as fontes que deram origem a formação de determinada palavra em seu contexto de uso e não a palavra propriamente dita.

Isso quer dizer que uma palavra usada no Brasil significa uma realidade e quando usada em outro território poderá significar outra realidade diferente, fato justificado na discursão anterior que trata da necessidade do léxico em representar a casa onde habita. O conjunto lexical brasileiro é um organismo vivo que se atualiza constantemente através dos contratos linguísticos acordados abstratamente no interior da comunidade linguístico-brasileira. Segundo Ilari (2009, p. 270),

o léxico do português brasileiro aparece como resultado de um longo processo, no qual muitas palavras antigas se perdem ou só sobrevivem com novas funções e novos valores, ao mesmo tempo que novas palavras vão sendo constantemente criadas.

Portanto, o desencadeamento lexical do sistema linguístico centra-se justamente num procedimento de renovação ou criação a partir de antigas palavras já em decréscimo que, no entanto, servem de apoio as novas atualizações e é dessa forma que as bases lexicais aqui deixadas sobrevivem.

As palavras não morrem por definitivo. Elas podem ficar no esquecimento apenas, ou com baixa frequência de uso, mas podem retornar em determinada época. Entretanto, as palavras podem ser utilizadas em outro campo semântico ou servirem de inspiração para as novas criações. Sendo assim, as bases que deram origem ao conjunto de palavras que serve lexicalmente os falantes brasileiros e moçambicanos continuam de algum modo vivas e constantes no campo lexical renovado e existente atualmente na realidade linguística do Brasil e de Moçambique. Contudo, o repertório linguístico brasileiro e moçambicano está à disposição dos seus usuários não é e nunca foi um conjunto fechado sem qualquer flexibilidade, é sim um bloco aberto e heterogêneo que se sensibiliza com as necessidades comunicativas expressas pelas comunidades linguísticas.

A transmissão dos valores culturais, morais e éticos, importantíssimos para o desencadeamento e integração do ator social dentro da comunidade social e linguística. Está integração só é possível porque os responsáveis pela transmissão se valem do

sistema linguístico para de modo particularizado expor ao outro aspectos culturais remotos no tempo e no espaço, dos quais não participou o aprendiz.

Tudo depende naturalmente da significação da cultura em atos linguísticos que tem por finalidade a transmissão de hábitos corriqueiros e importantíssimos para o desenvolver da identidade cultural do indivíduo e do grupo a qual pertença, é nesse sentido que as abstrações e impressões que tem o grupo sobre o universo, em especial o seu universo, são marcadas pela heterogeneidade e diversidade propostas por cada espaço de criação da cultura.

Portanto,

possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordal umbilical é o que chamamos de **tradição**, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua **autenticidade** (HALL, 2011, p. 29, grifos do autor).

O que significa dizer que um grupo ao praticar atos frequentes e comuns que o identifica e o diferencia dos demais no mundo é na verdade a prática de uma tradição veiculada por uma transmissão além séculos que se arrasta na realidade atual como resposta a manutenção do sentimento de pertença a uma cultura própria e específica. Com isso, ocorre a atualização dia a dia dos traços culturais como elo entre o presente e o passado numa perspectiva de um futuro articulado com as raízes originais.

Dessa forma, a cultura é uma herança social que se constitui através das contribuições individuais, estas provenientes de experiências pessoais e representativas de atitudes comuns ao grupo de pertença. Partindo desse raciocínio é perceptível que as manifestações culturais são para evidenciar as diversidades culturais que compõem o mundo e por isso é necessário a valorização das raízes que originariamente o representa, tendo em conta a composição heterogênea das sociedades como prova de não unicidade e sim de origens várias dos povos que as compõem (HALL, 2011).

Se a língua é elemento fundamental para que o ator social se conheça e conheça o outro de modo a se situar socialmente no mundo é natural que seja ela também veículo de transmissão do passado de um povo. No entanto, a língua não se pode atribuir somente essa função veicular porque ela é especialmente a própria cultura deste povo. Então, a confirmação de que a língua não pode existir simplesmente por existir é

sinal de que a sua existência traduz aquilo que de fato se passa na retina em consonância com o que o cérebro de fato processa, ou seja, a língua traduz as impressões processadas pelo cérebro. Portanto, a língua é uma tradução profunda do processo subjetivo que modifica a realidade a frente do indivíduo.

Metodologia e análises

A presente pesquisa interessa-se pelas escolhas lexicais de verbos e substantivos nas variedades do PB e PM. Como se disse na fundamentação teórica, a língua é cultura e a pesquisa pretende investigar como as escolhas lexicais são feitas e se elas são influenciadas pela cultura.

O percurso metodológico desta pesquisa se desenvolveu como base na análise e na interpretação dos dados colhidos através da aplicação de questionários a grupos de pessoas de origem brasileira e moçambicana. O questionário como instrumento de coleta de dados foi elaborado sob a perspectiva de estudo sobre as escolhas lexicais dos falantes de cada grupo representativo no português correspondente as origens já citadas.

Dos questionários aplicados no Brasil obteve-se respostas em 11, sendo 3 respondidos por cidadãos do sexo masculino e 9 do sexo feminino. Em relação a formação houve uma homogeneidade, vez que todos os inquiridos possuem ensino superior em alguma área. Possuem idades relativamente diferentes, de modo que apenas 1 pessoa tem entre 18 e 28 anos e os demais estão entre 39 a 49 ou mais. No caso de Moçambique recebeu-se 11 questionários sendo 5 homens e 6 mulheres. Os inquiridos tem nível de ensino médio e superior, têm entre 18 e 49 anos de idade.

No que diz respeito às questões, iniciemos pelo grupo I (sobre verbos). As opções escolhidas serão apresentadas a seguir, no qual serão informados os números das questões, das opções escolhidas e número de escolhas. No caso do Brasil os resultados foram: questão 1) onze inquiridos responderam ‘aterrissou’; 2) dez responderam ‘pegar’ e uma preferiu o verbo ‘apanhar’; 3) uma deu preferência ao verbo ‘pegar’, oito preferiram o verbo ‘buscar’ e duas ‘levar’; 4) uma pessoa escolheu o verbo ‘ladrando’ e dez ‘latindo’; 5) cem por cento escolheram ‘planejar’; 6) três escolheram ‘aceder’ e oito preferiram ‘acessar’; 7) nove pessoas escolheram o verbo ‘salvar’ e duas optaram pelo

verbo ‘gravar’; 8) todos responderam ‘baixar’; 9) cem por cento escolheram o verbo ‘sacar’; 10) nove do total de inquiridos preferiram o verbo ‘colocar’ e dois escolheram ‘botar’.

Já no segundo grupo, ainda sobre os dados do Brasil, sobre os nomes, obtive-se respostas diretas e estas serão aqui apresentadas de modo exemplificativos. Nas questões: 1) chapelaria; 2) sapateira; 3) caixa eletrônico; 4) flanelinha; 5) frentista; 6) bicicletaria; 7) borracharia; 8) estepe; 9) açougue; 10) mata burro. O grupo III diz respeito ao significado que cada nome tem em cada país. Segue as respostas dadas as questões de números: 1) tênis; 2) maçã do amor; 3) cheiro verde; 4) pássaro/ Tuiuiú; 5) chuteira. As respostas às perguntas sobre o porquê dos nomes para significar os objetos ou coisas ilustradas centraram-se nas seguintes frases: **não sei e/ou minha família sempre chamou assim**. Ainda sobre essas frases é interessante perceber que a transmissão cultural no sei familiar é fator marcante na aprendizagem de uma determinada língua, já que é no seio maternal que o sujeito social aprende a significar o mundo e tudo que o compõe.

Dando continuidade a apresentação dos resultados da análise dos dados obtidos, segue agora os resultados obtidos de Moçambique. Sendo assim, as respostas em relação as escolhas dos verbos, nomes e significados dos nomes obtivemos o seguinte: grupo I- questões 1) a preferência mais significativa foi pelo verbo ‘aterrou’; 2) o verbo ‘apanhar’ foi a opção escolhida; 3) todos responderam ‘buscar’; 4) o verbo ‘ladrando’ obteve a atenção da maioria; 5) ‘planificar’ foi o verbo mais escolhido; 6) o verbo ‘aceder’ obteve o maior número de escolhas; 7) ‘gravar’ foi a preferência de todos; 8) metade do total dos inquiridos escolheram o verbo ‘baixar’ e o restante deram preferência ao verbo ‘descarregar’; 9) o verbo ‘levantar’ foi a preferência da maioria; 10) a maioria preferiram o verbo ‘colocar’.

Em relação aos dois últimos grupos as respostas mais frequentes foram: grupo II - 1) chapelaria/loja de chapéu; 2) sapateira/arrumador de sapato; 3) multibanco/ATM; 4) arrumador/parqueador; 5) bombeiro; 6) oficina/bicicletaria; 7) oficina/vulcanização/recauchutagem; 8) sobressalente/pneu suplente/pneu reserva; 9) talho 10) vedação/ponteca; grupo III - 1) sapatilhas; 2) maçã/maçã caramelizada; 3) hortaliça/hortícola; 4) avestruz; 5) bota de jogar/chuteiras.

Ao longo deste artigo fala-se da importância das variações da cultura e dos modos diferentes de uso de um mesmo sistema linguístico (LP). A partir de agora se faz necessário recordar esses conceitos para explicar melhor algumas das diferenças linguísticas que diferencia o português falado em Moçambique e no Brasil que ficaram evidentes após a aplicação dos questionários. Desta forma, a análise que delineamos nas páginas anteriores traz ao lume características linguísticas de cada país e evidentemente a importância de cada cultura para a conformação da LP em cada local de atuação. Sendo assim, a língua como representante de uma determinada comunidade é o próprio povo que a usa.

Em relação às escolhas verbais, em situações diversas, a pesquisa nos mostrou que há uma proximidade maior entre as escolhas brasileiras e moçambicanas. Em alguns casos os significados semânticos não coincidem em muitos casos. O PM tende a se deslocar ao PE enquanto o PB permanece isolado, deslocando-se para o inglês sobretudo em nível de substantivos. É no sentido semântico que se encontra a carga cultural contida. Um verbo simples como ‘sacar’ (no PB) ou levantar (no PM) pode ser explicado buscando a história e a cultura dos seus falantes. Por isso Labov (2008), justificou a importância do estudo da língua em seu contexto real. O contexto real nos permitirá compreender os nuances da comunidade, que não vistos de forma superficial.

Observando o Quadro 1 (a seguir) vê-se alguns exemplos de substantivos usados na pesquisa.

Quadro 1: O uso de substantivos em Moçambique e no Brasil

QUESTÕES	BRASIL	MOÇAMBIQUE
1	chapelaria	Sem equivalência
2	sapateira	Sem equivalência
3	caixa eletrônico	ATM
4	flanelinha	arrumador/parqueador
5	frentista	bombeiro
6	bicicletaria	Sem equivalência
7	borracharia	oficina
8	estepe	sobressalente/pneu suplente/pneu reserva
9	açougue	talho
10	mata burro	vedaço/ponteca
11	sapatênis	sapatilhas
12	maça do amor	maça
13	cheiro verde	hortaliça/folhas verdes
14	pássaro/Tuiuiú	Sem equivalência

15	chuteira	botas
----	----------	-------

Fonte: Elaboração própria.

Olhando para o Quadro 1 percebe-se que o PB é mais produtivo lexicalmente que o PM. Dos 15 substantivos colocados à prova junto aos inquiridos moçambicanos, 4 itens não tiveram sentido equivalente. As diferenças entre Brasil e Moçambique são marcantes, vez que os falantes do último utilizam nomes diferentes dos usados pelos falantes brasileiros para significar a mesma coisa ou mesmo objeto. A ocorrência desses fatos confirma que

o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 2009, p. 68).

As considerações de Laraia (2009) explicam a posição diferenciadora do português falado em cada país, justamente por estar relacionado à cultura linguística e social referente a formação histórica do país de origem de cada respondente. De todas as perguntas as que mais impactaram foram as de número 2 e 4, sendo que na primeira a imagem era de uma **maça do amor**, com respostas em Moçambique de **maça caramelizada** ou **maça**; e a última figura diz respeito ao **tuiuiú**, ave típica do Brasil que surpreendeu por ter sido assim identificado apenas por um único respondente brasileiro e não reconhecida por nenhum dos respondentes de Moçambique.

Fato curioso que prova mais uma vez que a relação entre língua, meio e indivíduo é de fundamental importância para o conhecimento de mundo que tem cada sujeito. O que se pode justificar na ideia de que os respondentes de realidades diferentes do Brasil não conhecem o Tuiuiú por ser um pássaro típico do Brasil que não existe na realidade moçambicana, mas os brasileiros não conhecerem o pássaro prova que muitas vezes o sujeito brasileiro desconhece a sua própria cultura ou parte dela. Esse fato de não conhecer parte da cultura por membros de um determinado grupo é devido a extensão territorial e, sobretudo pela diversidade cultural existente no país, vez que a ave é típica de uma determinada região do Brasil.

Os resultados da pesquisa mostraram que as variáveis sociais: idade e nível de escolaridade podem alterar os dados quando são cruzados em uma pesquisa. Os

inquiridos escolarizados fazem escolhas lexicais mais equilibradas para a norma-padrão. Quanto mais formados os cidadãos têm mais capacidade para discernir, entender e interpretar as escolhas lexicais dos seus interlocutores. A variável idade não apresentou influência nos inquiridos escolhidos. Mas, se a pesquisa tivesse escolhido inquiridos de 10 anos ou menos provavelmente teríamos outros resultados. Da mesma forma se este trabalho tivesse contemplado cidadãos de 60 ou mais anos provavelmente teríamos outros dados. Em algum, momento a variável ‘contato com as novas tecnologias’ traria outros resultados mais contundentes.

Estes argumentos nos levam a concluir que não basta ter certa idade ou ter um certo grau de escolaridade para fazer escolhas lexicais mais comuns. É preciso estar inserido na cultura, nos hábitos e costumes, estar ligado às novas tecnologias, pois elas são os maiores difusores dos novos hábitos da sociedade moderna.

Considerações finais

Os resultados da pesquisa provaram a importância da cultura linguística e social que diferencia cada variedade do português nos dois países lusófonos. Estes resultados são interessantes para percebermos que a língua não é uma e exclusiva de uma determinada comunidade, mas que ao fazer parte de uma dada comunidade passa a representar a cultura dos seus falantes. Dito de outro modo, a língua não é de um único povo, mas ela está a serviço de qualquer nação que a acolhe como sua língua, instrumento fundamental para o estabelecimento da comunicação.

Como a nossa sociedade é diferentemente diversificada é possível e é justificável que uma mesma língua represente e sobreviva em diferentes culturas. Fato este que representa a situação da LP, já que ao ser usada em países diferentes sobrevive em diferentes culturas.

Sendo assim, a LP falada no Brasil é representativa da cultura brasileira capaz de significar o falante brasileiro para o mundo, significando também o mundo para ele. Já a variedade moçambicana é eminentemente representativa das culturas que as envolve, são elas o próprio povo que as usam.

Portanto, é evidente que o PB não é uma outra língua, mas também não é idêntica as demais variedades da LP. O que confirma a veracidade da hipótese inicial estabelecida para este artigo. Tal fato se dá devido aos aspectos culturais e históricos que engendraram a formação social do país, ou seja, as escolhas lexicais são aleatórias sim e estão condicionadas pela formação cultural e linguística do ser falante de uma determinada comunidade. Por isso, são tão importantes os resultados desta pesquisa para percebermos os valores linguísticos da língua falada no Brasil, tendo em conta as peculiaridades que a diferencia das demais, não como sobreposição de valores, porque todas as variedades da LP são valoradas e entendidas como importantes, mas como realidades linguísticas marcadas pela proximidade entre cultura/meio/indivíduo.

O PM tem suas peculiaridades resultantes da cultura local. Existem várias palavras provenientes das LB moçambicanas que entraram no português como ‘estrangerismos necessários’, isto é, palavras sem equivalentes na LP. Existem outras que são de ‘luxo’, pelo fato de existir uma palavra equivalente em português, mas que por causa da necessidade de marcar identidade ela é importada para a língua. Muitos escritores moçambicanos trazem muitos moçambicanismos para o português como símbolo ou marcas de identidade das suas personagens e da sua variedade.

Na lusofonia temos uma única língua, a LP que pode ser falada de formas diversas. Chama-se atenção ao fato de que os falantes dessas variedades não estão falando errado, mas sim diferente, uma vez que usam regras e normas aceitas pelo sistema linguístico. O sistema linguístico permite a união e a intercompreensão entre falantes da lusofonia de forma geral. Mas existem características linguísticas específicas que não podem ser transferidas para outra variedade. As palavras *sograria* (casa dos sogros), *anelamento* (ato de dar dote), *damo* (menino que porta anel num casamento), *chapa* (van particular para transporte de pessoas), *escalמידة* (roupa do brechó) só podem ser entendidas (até fazem sentido) dentro daquele contexto. Cabe a cada falante da lusofonia procurar compreender a outra variedade segundo o seu interesse e curiosidade.

Esta pesquisa nos fez refletir que um único dicionário de língua portuguesa não pode dar conta das variedades existentes na língua portuguesa. Aliás, não existem dicionários exaustivos capazes de suprir as necessidades do consulente em determinada

variedade da língua portuguesa ou em todas elas. Nenhum país lusófono deve esperar que Portugal ou Brasil faça um dicionário para sua variedade. O dicionário que Portugal elabora terá entradas, definições e sentidos que vão de acordo com a cultura refletida nos corpora utilizados. O Brasil fará o mesmo. Os países lusófonos (principalmente africanos) devem cada um, de forma acadêmica e científica organizar o(s) seu(s) dicionário(s) e sua gramática própria que revelará a sua variedade. A política linguística tentará sempre bloquear estas intenções devido aos interesses econômicos. O dicionário do PM, por exemplo, incluirá nas suas entradas as palavras ‘sograria’, ‘damo’, ‘anelamento’ enquanto o do PB incluirá ‘borracharia’, ‘chapelaria’, ‘tuiuíú’ e outras realidades inexistentes em Moçambique.

Caso um moçambicano utilize a palavra ‘matabicho’ no contexto brasileiro perceberá que os brasileiros acolherão a palavra com estranheza, porque esta palavra não faz parte do acervo lexical existente no Brasil. Caso, algum brasileiro a conheça, provavelmente, a entenderá com outro significado diferente daquele que o moçambicano conhece. O mesmo poderá acontecer no contexto moçambicano, caso os moçambicanos ouçam um brasileiro falar de ‘mata-burro’ em Moçambique. Pois, esta palavra não está prevista no conjunto lexical do país em causa. Devido as configurações lexicais de cada país é justificável que haja dificuldades no momento de compreensão. Estas dificuldades são resultados da influência que a cultura exerce em cada variedade. Em Moçambique, ‘matabicho’ é o ‘café da manhã’, enquanto que ‘mata-burro’ seria uma ‘ponte’ em Moçambique. Estes exemplos, mostram a importância da cultura na construção da linguagem, tal como Sapir desenvolve na sua obra “linguística como ciência”.

Contudo, os objetivos da pesquisa foram de modo geral satisfeitos, mas o tema em estudo não se finda aqui, pois as confluências históricas e socioculturais que deu origem a formação da LP nos países lusófonos retêm espaços para estudos variados que sejam capazes de esmiuçar as suas características mais singulares.

Referências

ANTUNES, I. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

- BAGNO, M. *Língua, Linguagem, Linguística: Pondo os Pingos nos ii*. São Paulo: Parábola, 2014.
- DIAS, L. F. O nome da língua do Brasil: uma questão polêmica. In: ORLANDI, Eni (Org.). *História das ideias linguísticas*. Cáceres: Fontes, 2001, p.185-198.
- DIETRICH, W.; NOLL, V. O papel do tupi na formação do português brasileiro. In: _____; _____(Org.). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p.81-104.
- DUARTE XAVIER, V. R. O campo lexical moedas em manuscritos sobre as minas goianas setecentistas. In: PAULA, Maria Helena. (Org.). *Língua e cultura: Estudos de léxico em perspectiva*. Goiânia: Gráfica UFG, 2015. p.145-156.
- FORIN, J. L. *Linguística? Que é Isso?* São Paulo: Contexto, 2013.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Rezende et.al. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. 2ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LARAIA, R. de B. *Cultura um conceito antropológico*. 23. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFA, 2008.
- PAULA, M. H. Achegas para o estudo sobre o léxico caipira em Goiás. In: _____. (Org.). *Língua e cultura: Estudos de léxico em perspectiva*. Goiânia: Gráfica UFG, 2015. p.133-144.
- PERINI, M. A. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SOARES, M. B. Concepção de linguagem e o ensino da língua portuguesa. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). *Língua portuguesa: história, perspectivas, ensino*. São Paulo: EDUC, 1998. p.53-60.
- TIMBANE, A. A. *A variação e a mudança lexical da língua portuguesa em Moçambique*. Tese. (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2013.
- _____. CHAMBAL-NHANPOCA, E. A terminologia do futebol em Moçambique: o caso dos neologismos na aula de língua portuguesa do ensino médio. *Revista Calidoscópio*. V.14, n.2, 2016 (No prelo).